

Um corpo que pede sentido: um estudo psicanalítico sobre mulheres na menopausa

Ana Maria Furtado

Este artigo se baseia na Dissertação de Mestrado da autora, considerando a menopausa como um dos momentos críticos da aquisição do sentido de feminilidade, hoje bastante diferenciado daquele possível no momento da criação da psicanálise.

Os efeitos psicossomáticos presentes nesse momento do ciclo vital requerem uma compreensão psicanalítica das marcas corporais inscritas na primitiva relação mãe-bebê, emolduram as demandas de atendimento médico-psicológico. Baseando-se numa pesquisa de campo, comenta-se algumas das vicissitudes da feminilidade na contemporaneidade.

Palavras-chave: Mulher, maternidade, menopausa, feminilidade, relação mãe-bebê, marcas corporais, imagem do corpo, sensorialidade

O corpo feminino foi percebido e significado, ao longo da história, como insuficiente em relação ao masculino. Esta “insuficiência” teria como contraponto o poder da maternidade, sendo a mulher identificada como geradora de vida e de morte desde os primórdios da civilização (Eisler, 1997). Seu corpo, desconhecido e ameaçador, deveria ser domesticado, o que se realizaria através da valorização da função reprodutora e do trabalho da educação dos filhos, que funcionariam como reguladores e horizontes de definição do que seriam os papéis femininos e a função primordial da mulher na sociedade ocidental (Foucault, 1984).

Assim, a tática disciplinadora desenvolvida no Ocidente, desde a Idade Média, consistiu na exaltação da maternidade e em sua naturalização (Badinter, 1985; Duby & Perrot, 1990). A feminilidade foi sendo associada à maternidade e à função de procriar e educar os filhos; a mulher que tentava ser feminina seguindo outros moldes frequentemente se apresentava aos médicos como louca – psicótica ou histérica (Nunes, 1996).

Freud, escutando o sofrimento das mulheres pode criar o método psicanalítico, desenvolvendo um saber sobre a linguagem inconsciente, que se mostrava no corpo das histéricas. Desde os “Estudos sobre a histeria” (1898) até o texto final sobre a “Feminilidade” (1933) o olhar freudiano sobre suas pacientes foi paradoxal: o olhar de um homem que tomou como base para a subjetivação a oposição homem-mulher, fundada na percepção da diferença anatômica, ao mesmo tempo em que tentava desnaturalizar a concepção de corpo, pensando-o como corpo pulsional, não redutível ao biológico. Desde sua invenção, a psicaná-

lise trouxe à cena o corpo e a sexualidade, mas estes foram pensados a partir dos parâmetros do romantismo dominante no século XIX, num contexto patriarcal e falicista (Butler, 1990). Durante o século XX, a mulher ocidental teve acesso a novas posições subjetivas, que podem hoje colocá-la fora da reivindicação fálica, sem ter que adoecer (Kehl, 1999). Assim, a mulher e seu corpo têm que ser reavaliados pela psicanálise contemporânea, que se vê compelida a repensar o lugar do corpo na constituição subjetiva, enfrentando o desafio de encarar o suporte biológico do corpo pulsional, sem reduzi-lo à anatomia nem tender a uma transcendência.

Se hoje, após a contribuição lacaniana nos anos 1960, podemos considerar que masculino e feminino são posições acessíveis aos humanos de ambos os sexos, observamos que, mais visivelmente nas mulheres, a marcação biológica produz mudanças psíquicas intensas tanto na puberdade, através da menarca e das menstruações, quanto na menopausa, a partir da finalização das funções reprodutoras e da juventude. No entanto, parece que a menopausa ainda é pensada culturalmente como um momento em que a feminilidade tenderia a desaparecer, à medida que é o momento em que não há mais a possibilidade reprodutora (sem o apelo a métodos artificiais de geração de novas vidas humanas). Frequentemente, ainda hoje, a mídia oferece estímulos para que as mulheres recorram a expedientes que visariam evitar a constatação de mudanças que incidem sobre a subjetividade feminina, valendo-se para isso do estágio atual de evolução das ciências biotecnológicas.

A mulher, em sua trajetória subjetiva, é marcada pelos ciclos biológicos de uma forma intensa, e a menopausa é a finalização dessa fase cíclica. Ela é, hoje, mais visível e mais passível de ser pensada do que em outras épocas, quando o corpo e a sexualidade tinham que ser silenciados. Hoje, mais do que “um enigma” (Freud, 1933: 144), o feminino é um corpo que, considerado como pulsional, está em constante construção.

O corpo, sua representação e as possibilidades a que se abrem na contemporaneidade, põem em xeque até a definição do que é humano e do papel da mulher na criação.

Seguindo o espírito revolucionário de Freud, e apoiada em autores como Anzieu, Dolto, Kristeva e McDougall, penso o corpo como pulsional, lugar de memórias que emergem na sintomatologia psicossomática e que estão inscritas antes da possibilidade de articulação lingüística. Como Julia Kristeva, penso que a sensorialidade tem que ser retomada pela psicanálise, de forma a se considerar a atribuição de sentido aos registros não-verbais que emolduram – e muitas vezes determinam – elementos significativos das subjetividades.

Tanto a visão lingüística quanto a semiótica, da psicanálise, coincidem em assinalar que antes do simbólico há uma criação de sentido que marca a singularidade psíquica e também que há marcas inconscientes anteriores às lingüísticas, que têm que ser incluídas na compreensão psicanalítica.

Os autores em que me apoio valorizam a interatividade da relação mãe-bebê, como criadora de um sentido de *eu*, que marca o que é o masculino e o que é o feminino. Para esses autores, nas trocas mãe-bebê, forma-se uma relação erótica que moldará as relações da menina com o mundo, sendo a feminilidade o resultado de um processo identificatório cheio de nuances somatopsíquicas. Segundo eles, essa primeira relação mãe-bebê é um nicho intocável, derivado das marcas corpóreas primitivas, o que resulta na constituição de realidades psíquicas singulares, pré-simbólicas, que deverão ser ressignificadas, simbolizadas, portanto, na relação transferencial com o analista.

A partir dessas posições teóricas, empreendi uma pesquisa de campo que foi parte de minha Dissertação de Mestrado (Furtado, 2000) construindo a hipótese de que os ciclos biológicos seriam momentos em que haveria uma rearticulação das marcas sensoriais, constitutivas das imagens corporais (Dolto, 1984; Dolto & Nasio, 1991) que servem de base para o *eu*. Nas mulheres, esses momentos deflagrariam uma exacerbação do registro sensorial, com inflexões sobre a imagem inconsciente do corpo (Dolto, 1984), que culminariam por um questionamento da feminilidade, como uma aquisição consumada e definitiva. Além disso, o corpo feminino experienciado durante o processo da menopausa poderia nos permitir pensar a condição feminina de forma distinta da descrita por Freud, em 1933. Naquele momento, ele considerava que a demanda de trabalho psíquico despendida na conquista infinda da feminilidade produziria maior rigidez psíquica nas mulheres que nos homens. No entanto, o pensamento freudiano, já desde a segunda tópica, demarcava o caráter inesgotável da insistência pulsional. Desde então, o corpo, que está na base do arcabouço conceptual psicanalítico, enquanto fonte das pulsões, é significado a partir das sensações mais primitivas e da troca com o outro semelhante e jamais cessa de provocar o sentido.

A meu ver, o pensamento de Julia Kristeva favorece a compreensão do universo feminino e da construção da feminilidade, tendo em vista que a autora se mantém fiel ao legado freudiano, e o enriquece, contextualizando-o sociohistórica e filosoficamente. Kristeva resgata a importância da criação feminina além da maternidade, e além da mística religiosa. Ela apresenta o corpo feminino como uma construção aberta, como *locus* de aparecimento da “memória sensorial” (Fontes, 1998), o suporte narcísico que precisa ser investido eroticamente para sustentação da vida psíquica e, portanto, para a criação. Assim resgata o lugar do sensível para a feminilidade, ancorada nas senso-percepções precoces, que imprimem sua marca na fala e na escrita femininas (Kristeva, 1993). Kristeva fala de um ser humano ao mesmo tempo submetido ao estrutural simbólico, enquanto sujeito da lei, e às pulsões inconscientes oriundas do corpo, fonte da heterogeneidade semiótica. Isto permite que produza uma obra em que o conhecimento é sempre mediado pelo desejo e, portanto, aberto à interpretação e à incerteza (Elliot, 1991: 199-200). A insistência de Kriste-

va é sobre a singularidade da experiência subjetiva, que se molda nas mais primitivas sensações do corpo, antes mesmo que se possa nomear o que está sendo vivido. As marcas impressas por essas experiências é que vão moldar o estilo do sujeito, que se configura na memória desses sons, odores, luzes e sombras, sensações térmicas, cenestésicas e cinestésicas que vão modelando seu mundo interior. Para ela, as “percepções-excitações” constituem uma “caverna sensorial” (Kristeva, 1996), que institui uma verdadeira experiência. Assim, há sempre algo estrangeiro a toda lógica formal, algo da ordem semiótica, que nos constitui subjetivamente, e que se manifesta de forma abrupta e violenta no psiquismo. De fato, a clínica psicanalítica nos confronta freqüentemente com “estados do corpo que fazem implodir as significações de todos os significantes possíveis e imagináveis” (Kristeva, 1998: 244).

Penso que este irrepresentável que surge no corpo da histórica deve se mostrar mais claramente na mulher, não necessariamente histórica, durante seus ciclos biológicos, quando o corpo pede um sentido, hoje de forma ainda mais diversificada do que há cem anos. Isso me permite constatar que para as mulheres, cujo corpo foi silenciado ao longo de sua história singular, o climatério e a menopausa, em função das mudanças hormonais produzidas nesse momento, devem produzir inúmeros efeitos psíquicos, pedindo, por consequência, uma significação especial. Considerando, então, a especificidade dos ciclos biológicos na experiência da feminilidade foi empreendida a pesquisa de campo, visando investigar aspectos desses momentos de tensão psíquica que são o climatério e a menopausa, momentos de uma interface entre a fisiologia e a representação (Clément & Kristeva, 1998). Assim, confirmei minha hipótese de que em momentos dos ciclos biológicos, como a menarca, a gravidez e a menopausa, haveria uma regressão que facilitaria a emergência da linguagem do sensível.

Realizei entrevistas com um grupo de dezoito mulheres da classe média carioca, na faixa etária de 45 a 60 anos. A metade do grupo já havia passado pela experiência da maternidade, e a outra, por algum motivo, não havia procriado. Esta decisão metodológica resultou da importância que até hoje se atribuiu à vida reprodutiva na construção da feminilidade. No entanto, ao avaliar os resultados da pesquisa, observei que não houve diferença significativa nos depoimentos das mulheres que foram mães ou não em relação às experiências de possuir um corpo feminino e de vivenciar a menopausa. A maternidade não se mostrou um divisor de águas tão determinante quanto poderia ter sido noutro contexto sócio-histórico. A partir dessa primeira constatação da pesquisa, pude observar que hoje, em nome de um movimento cientificista de controle da fisiologia – que desconsidera a subjetividade (Roudinesco, 1999) – parece que a menopausa é, para o discurso médico, uma experiência a ser evitada. Uma das maneiras que nossa cultura dispõe para tentar evitar o desconforto físico, que acompanha as mudanças da menopausa, é o controle hormonal, que tende a apoiar a denegação desta experiência. Entretanto, esta prática não consegue evitar

a angústia frente à finitude e à morte, e, principalmente, face à ameaça – mortífera para o *eu* – da perda do amor (McDougall, 1983, 1991, 1997) com que se defrontam as mulheres nesse momento. Restringir o desconforto somato-psíquico a um puro “desequilíbrio hormonal”, equiparando-o a uma doença, é repetir uma fórmula de controle sobre a mulher, presente na modernidade, que amordaça a singularidade da produção de sentido (Kristeva, 1993). A psicanálise parece, então, convocada a retomar uma postura de investigação crítica sobre o agir pulsional nesse momento do percurso existencial feminino.

A exacerbação narcísica dominante em nossa cultura, facilita a ampliação do controle sobre as transformações do corpo, que culmina com a possibilidade de criação de identidades virtuais (Turkle, 1995). Assim, o investimento libidinal feminino, que antes era direcionado preferencialmente à maternidade (Chodorow, 1985), tende a se realizar por outras vias. Isso foi corroborado na pesquisa empírica desse trabalho, sendo um dos elementos marcantes das entrevistas. Posso pensar que a decisão metodológica de entrevistar mulheres apenas da classe média urbana tenha interferido nessa direção. Tendo em vista a força do pensamento patriarcal, em setores de uma sociedade complexa como a nossa, distintas conclusões poderiam emergir caso esse trabalho fosse realizado com mulheres pertencentes a outro universo sociocultural.

Nessa pesquisa, a vida psíquica de mulheres na menopausa parece ilustrar a força da lógica narcísica neste momento do ciclo vital feminino. Pude verificar nessas entrevistas como as mulheres parecem particularmente afetadas em seu narcisismo no momento do climatério, quando se fazem sentir as mudanças detectadas como “perda de viço” da pele, e “perda de energia” (sic). Parece que o olhar dessas mulheres se dirige à superfície do corpo como substituição da percepção de algo que não mais funciona no seu interior. A demanda de sentido para tais mudanças parece retomar a perspectiva de uma demanda infinda de amor, que se instaura antes de qualquer conflito edípico, numa etapa precoce da vida (Anzieu, 1988). As mulheres reeditam um momento narcísico, anterior ao Édipo, que é referido à origem do sentimento de coesão do *eu*, quando o corpo começa a ser erotizado, na primitiva relação mãe e filha (McDougall, 1983, 1987, 1996 [1991], 1997 [1995]; Dolto, 1992[1984]). As marcas dessa relação podem ser inferidas no início do processo da menopausa, devido a uma exacerbação da sensorialidade. Costuma-se fazer, então, um apelo ao discurso médico para dar sentido ao desconforto psíquico, na tentativa de evitação da perda do lugar de objeto de desejo da juventude, e isso é recorrente nas entrevistas, sugerindo que o discurso médico muitas vezes seja investido pelas mulheres como sucedâneo às demandas dirigidas ao do cuidador do bebê nos primórdios de sua vida. O apelo ao saber médico seria, assim, um substituto do apelo ao outro materno, visando circunscrever a experiência de um corpo que se apresenta como desconhecido.

Entre as dezoito entrevistadas, apenas uma pessoa afirmou que nada sentiu no climatério, e que foi ao médico por uma questão de “prevenção” dos efeitos da baixa de estrogênio; somente outras duas disseram que a única coisa que mudou em suas vidas nesse período foi terem deixado de menstruar. As demais, ao sentirem-se confusas com as mudanças somato-psíquicas presentes na menopausa, se referenciaram ao saber médico para tentar uma compreensão do que lhes ocorria. O médico apareceu em suas falas como uma referência alteritária (Ferreira, 1994) que lhes faltava nesse momento, e que as fazia confusas e “deprimidas” (sic). Observou-se, então, um uso intenso de medicação nessa fase, numa evitação das “doenças” da menopausa. Nesse momento, nota-se que a exacerbação sensorial e o desconforto somato-psíquico presentes no climatério, costumam submergir sob o diagnóstico de depressão, como muitos dos sofrimentos nesse final de século (Roudinesco, 1999).

Quando interrogadas sobre o sentido da menopausa, as mulheres ouvidas por mim nesse trabalho tiveram dificuldade em defini-lo, enfatizando, porém, que este momento as fazia entrar em contato com sua história pregressa. Tornar-se mulher, conferir um sentido a esta experiência singular, aparece, no decorrer desta pesquisa, como uma aquisição tardia na vida dessas mulheres, em geral por ocasião da menopausa, quando a própria maternidade passa a ser uma realidade possível apenas de forma artificial. Para as mulheres entrevistadas, falar sobre a menopausa parece ter propiciado um movimento de olhar para o corpo e para o passado, em que se tentava acessar, através da linguagem, sentidos intensamente recalçados em suas experiências entre o vivido e o que pode dele ser dito.

A hipótese de Julia Kristeva, de uma caverna sensorial – aqui entendida como sensorialidade –, constituída pelas senso-percepções precoces pode ser inferida, segundo a autora, nas situações psicossomáticas. Nas entrevistas dessa pesquisa, ela se mostrou através das falas que se referem a sensações desconfortáveis e dolorosas presentes nos corpos ao longo da vida, e mostram como, no climatério, existe uma exacerbação sensorial, manifestada pelos calores, insônias, mudanças na pele e no volume corporal. Cumpre notar, entretanto, que o final do climatério, com o reequilíbrio do corpo num novo patamar de funcionamento, coincide com o alívio que acompanha sua percepção da integridade corporal. Os “cuidados” e “enfeites” que as mulheres passam a dispensar à pele e aos cabelos, quebradiços e “craquelados” (sic), fazem parte de sua rotina, de forma menos persecutória, e, muitas vezes, há relatos de um encontro com a feminilidade nesse afazer; como se, agora, fosse possível erotizar livremente um corpo que não perdeu a possibilidade de ancorar o desejo. “Cuidar-se” parece adquirir um sentido auto-erótico que antecipa o direcionar o investimento libidinal ao outro, numa demanda de amor “livre de vergonha” (sic).

A sensorialidade primária dificilmente se faz representar no psiquismo, aparecendo, via de regra, como sintomatologia psicossomática (McDougall, 1987, 1991, 1997) que ressurgue no climatério. Esta fase é entendida pelas entrevistadas como de

perdas e desconforto, momento em que há um desconhecimento da própria imagem, que parece refletir o temor da fragmentação da coesão do *eu*. Lança-se mão nesse momento de recursos variados para restauração da imagem corporal, que só vai aparecer integrada através do reassguramento da capacidade de ser amada e de amar.

A menopausa é uma experiência que, na classe média urbana ocidental, não se reduz às perdas antecipadas por ocasião do climatério, quando o discurso cultural tradicional ainda parece dominar sobre o vivido singular. Essa experiência única na trajetória feminina relaciona-se às diversas formas desenvolvidas para se lidar com a ameaça à integridade narcísica, que termina por imprimir à menopausa a característica de ser um momento privilegiado de confronto com a castração (entendida num escopo amplo, como o adotado por Françoise Dolto). Ela se apresenta, hoje, como um estágio de revisão dos momentos privilegiados da confrontação com a Lei da cultura, facilitando o encontro de novos destinos pulsionais. Pude observar, então, como o desejo fálico aparece hoje menos recalcado que nas históricas de Freud.

Uma sociedade complexa como a contemporânea abre campo para a atuação de projetos que ficaram abafados num contexto patriarcal e falicista, e proporciona que as mulheres ocupem novas posições subjetivas, impensáveis noutro contexto sócio-histórico (Ireland, 1993; Haraway, 1991, Kehl; 1996,1998; Millot, 1988; Nunes, 1996). Posso supor que, nessas mulheres, o horror que provoca a entrada no climatério e na menopausa está muito mais ligado ao medo, que exibem, de deixarem de ser amadas, que ao temor de deixarem de ser mães. Esse é um diferencial interessante em relação ao contexto do final do século passado e ao final deste século. No século XIX, ser mãe era ligado à capacidade de amar e ser amada, e a infertilidade era representada como um escape à condição feminina, que alijava as mulheres da experiência da feminilidade.

Convidando a um olhar retrospectivo sobre suas vidas, as entrevistas dessa pesquisa parecem ter estimulado as mulheres a repensar suas trajetórias femininas, e elas mostraram como hoje a maternidade não mais se apresenta como o equivalente, por excelência, da feminilidade. Ela continua a ser investida como uma das possibilidades privilegiadas para o exercício da feminilidade, mas a pesquisa aponta para outras possibilidades de exercício desse atributo da mulher. Hoje, o masoquismo, que é associado à condição feminina no seio da tradição judaico-cristã não, se apresenta como posição preponderante, sugerindo que as mulheres contemporâneas teriam um acesso à sublimação impensável no contexto do final do século passado (Kehl, 1988; Garcia, 1997; Millot, 1988). Escapar à submissão das interpretações reducionistas de uma experiência sensível a um conjunto de significados, predeterminados por uma cultura falocêntrica, parece ter se tornado um desafio para as mulheres contemporâneas. Se pensarmos com Kristeva, após Lacan (1966[1958, 1960]), que é o estar simultaneamente dentro e fora da ordem fálica que confere especificidade à condição feminina, a menopausa pode ser considerada um momento de interrogação acerca

da subjetividade da mulher, que, em contato com a imagem de um corpo que serve de suporte para um *eu* coeso, pode seguir criando novos sentidos para a experiência de “tornar-se mulher” (Freud, 1915[1905]).

Referências bibliográficas

- ANDRÉ, J. (1995). *As origens femininas da sexualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- ANZIEU, D. (1985). *O Eu-pele*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1988.
- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.
- BADINTER, E. *Um amor conquistado, o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BROWN, P. (1988). *Corpo e sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- BUTLER, J. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge, 1990.
- CHODOROW, N. *The Reproduction of Mothering: Psychoanalysis and the Sociology of Gender*. Berkeley: University of California Press, 1978.
- CLÉMENT, C. & KRISTEVA, J. *Le féminin et le sacré*. Paris: Stock, 1998.
- DOLTO, F. (1982). *Sexualidade feminina. Libido, erotismo, frigidez*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- ____ & NASIO, J.-D. *A criança do espelho*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- ____ (1984). *A imagem inconsciente do corpo*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- DUBY, G. & PERROT, M. *História das mulheres no Ocidente. Vol. 2 – A Idade Média*. Porto: Edições Afrontamento, 1990.
- EISLER, R. A deusa da natureza e da espiritualidade – um manifesto ecológico. In CAMPBELL, J. (et al.). *Todos os nomes da deusa*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- ELLIOT, P. *From Mastery to Analysis – Theories of Gender in Psychoanalytic Feminism*. New York: Cornell University Press, 1991.
- FERREIRA, J. O corpo sógnico: saúde e doença – um olhar antropológico. In ALVES, P.C. e MINAYO, M.C. (orgs.). Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1995.
- FONTES, I. *La mémoire corporelle et le transfert*. Tese de Doutorado em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise. Universidade Paris 7, Denis Diderot, 1998.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade 1. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- ____ *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- FREUD, S. (1895). Projeto para uma psicologia científica. *ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. I.
- ____ (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *ESB*. Op. cit. v. VII.
- ____ (1931). Sexualidade feminina. *ESB*. Op. cit. v. XXI.
- ____ (1933). Feminilidade. *ESB*. Op. cit. v. XXII.
- FURTADO, A. M. *Um corpo que pede sentido; um estudo sobre a mulher na menopausa*: Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica. PUC-RJ, 2000.

- HARAWAY, D. *Simians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Women*. New York: Routledge, 1991.
- IRELAND, M.S. *Reconceiving Women: Separating Motherhood From Female Identity*. New York: Guilford Press, 1993.
- KEHL, M. R. *A mínima diferença*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
 ____ *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- KRISTEVA, J. (1987). *Sol negro – depressão e melancolia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
 ____ *Étrangers a nous mêmes*. Paris: Fayard, 1991.
 ____ *Les nouvelles maladies de l'âme*. Paris: Fayard, 1993.
 ____ *Le temps sensible – Proust et l'expérience littéraire*. Paris: Gallimard, 1994.
 ____ (1987). O real da identificação. In *As identificações na clínica e na teoria psicanalítica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- LACAN, J. (1958). La signification du phallus. In *Écrits*. Paris: Seuil, 1996.
 ____ (1960). Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien. In *Écrits*. Paris: Seuil, 1996.
 ____ (1960). Diretrizes para um Congresso sobre a Sexualidade Feminina. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- MCDUGALL, J. O psicossoma e a psicanálise. In *Em defesa de uma certa anormalidade: teoria e clínica psicanalítica*. Porto Alegre: Martins Fontes, 1983.
 ____ Um corpo para dois. In *Conferências brasileiras*. Rio de Janeiro: Xenon, 1987.
 ____ et al. O romance do perverso: as neo-sexualidades. In *O divã de Procusto. O peso das palavras, o mal-entendido do sexo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
 ____ (1991). *Teatros do corpo. O psicossoma em psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
 ____ (1995). *As múltiplas faces de Eros: uma exploração psicanalítica da sexualidade humana*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MILLOT, C. (1988): *Nobodaddy, a histeria no século*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- NASIO, J.-D. (1988). *Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- NUNES, S. A. *O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha: um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade em Freud*. Tese de Doutorado I. M. S. da UERJ, 1996.
- TURKLE, S. *Life on the Screen – Identity in the Age of Internet*. New York: Simon & Schuster, Inc., 1995.

Resumos

Este artículo es basado en la Disertación de Mestria de la autora, y considera la menopausia como uno de los momentos críticos de la adquisición del sentido de feminidad, hoy día diferenciado de aquel posible en el momento de la creación del psicoanálisis.

Los efectos sicosomáticos que están presentes en ese momento del ciclo vital piden

una comprensión sicoanalítica que entienda las marcas corpóreas registradas en la relación primitiva madre-bebé, de la cual se balizan las demandas de cuidado médico-psicológico. Basando-se en una investigación de campo, se comenta algunas de las vicisitudes de la feminidad en el mundo contemporáneo.

Palabras llave: Mujer, maternidad, feminidad, menopausa, relación madre-bebé, marcas corpóreas, imagen del cuerpo, sensorialidad

Cet article est basé sur la Dissertation de D. E. A. de l'auteur, où la ménopause est considérée comme l'un des moments critiques de l'acquisition du sens de la féminité, que l'on différencie aujourd'hui de celui possible au moment de la création de la psychanalyse. Les effets psychosomatiques qui sont présents à ce moment du cycle vital demandent une compréhension psychanalytique des marques corporelles enregistrées dans le rapport primitif mère-bébé, et paraissent être le cadre des demandes de soin médico-psychologique. Basé sur une recherche de terrain, sont commentées dans ce texte quelques-unes des vicissitudes de la féminité dans le monde contemporain.

Mots clés: Femme, maternité, féminité, ménopause, rapport mère-bébé, marques corporelles, image du corps, sensorialité

This article is based on the author's master's dissertation, wherein menopause is considered a critical moment in the acquisition of a women's sense of femininity. This process is quite different today from what was possible when psychoanalysis was in its early stages.

During this phase of a woman's life cycle, the psychosomatic effects that appear require a psychoanalytic understanding of physical marks based on the primitive mother-baby relationship, on which the demand for medical and psychological care is founded. Based on field research, vicissitudes of femininity in today's world are discussed.

Key words: Woman, motherhood, femininity, menopause, mother-baby relationship, physical marks, body image, sensoriality